

Entre mundos possíveis: aproximações dialógicas entre Krenak e Freire

Rosângela Aparecida Marquezi¹, Franciele Clara Peloso²

Resumo

Este artigo propôs um diálogo entre os pensamentos de Ailton Krenak e Paulo Freire, a partir da crítica aos modelos hegemônicos de desenvolvimento e com vistas à valorização do Bem Viver, como uma alternativa ética e coletiva. Ancorando-se em autores como Stavenhagen (2018), Wallerstein (2007), Sen (2000) e Acosta (2016), analisaram-se as aproximações dialógicas existentes em excertos selecionados de *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019), de Ailton Krenak, e *Educação e mudança* (1979, 2022), de Paulo Freire. A análise dos excertos não ocorreu por categorias pré-definidas, mas pela leitura sensível e pelo diálogo emergente dos textos. Evidenciou-se, nessa leitura, que ambos os autores convergem no olhar crítico em relação à lógica do “ter”, além de nos convidar a vislumbrar outros mundos possíveis e a tecer novas histórias que reafirmam a potência da vida.

Palavras-chave

Desenvolvimento. Bem Viver. Ailton Krenak. Paulo Freire.

¹ Doutora em Desenvolvimento Regional pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil; professora na mesma instituição. E-mail: marquezi@utfpr.edu.br.

² Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, Brasil; pós-doutora em Ciências Humanas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná, Brasil; professora na Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil; líder do Grupo de Estudos sobre Universidade na mesma instituição. E-mail: clara@utfpr.edu.br.

Among possible worlds: dialogical approximations between Krenak and Freire

Rosangela Aparecida Marquezi¹, Franciele Clara Peloso²

Abstract

This article presented a dialogue between the thoughts of Ailton Krenak and Paulo Freire, based on a critique of hegemonic models of development and with a view to valuing *Bem Viver* as an ethical and collective alternative. Drawing on authors such as Stavenhagen (2018), Wallerstein (2007), Sen (2000), and Acosta (2016), the article analyzed the dialogical connections found in selected excerpts from *Ideas to postpone the end of the world* (2019), by Ailton Krenak, and *Educação e mudança* (1979, 2022), by Paulo Freire. The analysis of the excerpts was not guided by predefined categories, but on a sensitive reading and the emerging dialogue of the texts. This reading revealed that both authors converge in their critical perspective on the logic of “having”, in addition to inviting us to glimpse other possible worlds and weave new stories that reaffirm the power of life.

Keywords

Development. Good Living. Ailton Krenak. Paulo Freire.

¹ PhD in Regional Development, Federal University of Technology of Paraná, State of Paraná, Brazil; professor at the same institution. Email: marquezi@utfpr.edu.br.

² PhD in Education, Federal University of São Carlos, State of São Paulo, Brazil; postdoctoral degree in Human Sciences, State University of Ponta Grossa, State of Paraná, Brazil; professor at the Federal University of Technology of Paraná, State of Paraná, Brazil; leader of the University Studies Group at the same institution. Email: clara@utfpr.edu.br.

Considerações iniciais

Questões em torno do desenvolvimento, entendido aqui como a prevalência de “forças que lutam pela efetiva melhoria das condições de vida da população” (Furtado, 2013, p. 108), têm sido amplamente discutidas, principalmente porque se observa que as formas tradicionais de pensá-lo não têm conseguido, de fato, melhorar a vida das mulheres, dos homens e do planeta. Assim, torna-se necessário considerar outras formas possíveis que contemplem um bem-estar mais amplo que permita não encarar o desenvolvimento como um fantasma que “ronda o mundo”, conforme aponta Acosta (2016, p. 43). Partindo dessa questão, este artigo teve por objetivo evidenciar aproximações dialógicas sobre outros modos de pensar o tema, a partir da leitura atenta e sensível de duas obras de importantes pensadores brasileiros: Paulo Freire, em *Educação e mudança* (1979, 2022), e Ailton Krenak, em *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019).

Apesar de as publicações originais das obras de Freire (1979, 2022) e Krenak (2019) terem um distanciamento superior a 40 anos, suas reflexões dialogam ao pensarem o desenvolvimento como um processo ativo de transformação social. Nessa perspectiva, é importante compreender esse desenvolvimento “de *modo transitivo*, como uma reordenação ativa da sociedade” (Sachs, 2021, p. 19, grifo próprio), o que implica reconhecer o papel coletivo e transformador das ações humanas, uma vez que não é *modo intransitivo*, que se fecha em si mesmo. Assim, ambos os autores defendem a necessidade de uma mudança profunda, que articule dimensões sociais, políticas e econômicas, visando a uma sociedade mais justa, equânime e sustentável.

Para sustentar o que propomos, buscamos apoio em autores que auxiliam a refletir sobre o tema, bem como contribuem para as reflexões sobre as aproximações dialógicas entre Krenak e Freire. Para fundamentar essas reflexões, ancoramo-nos em autores como Stavenhagen (2018), Wallerstein (2007), Sen (2000), Acosta (2016), assim como em outras obras de Krenak (1992, 2019, 2020b, 2017) e Freire (2021, 2022, 2023). Para sustentar o conceito de Bem Viver, um dos eixos de nossa reflexão, recorreremos ao economista e pensador equatoriano Alberto Acosta, em seu livro *O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*, publicado

no Brasil em 2016 (originalmente publicado em 2012), bem como às propostas do pensador indígena Ailton Krenak (2020b).

Após abordarmos essas discussões, direcionamos o foco para a reflexão sobre os textos analisados com o intuito de, como já enunciamos, identificar aproximações dialógicas entre eles acerca do tema. Essa investigação se justifica pela necessidade de compreender de maneira crítica os paradigmas tradicionais, frequentemente associados à insuficiência de promover mudanças efetivas e sustentáveis nas condições de vida dos seres deste nosso planeta.

Para esse propósito, foram selecionados excertos das obras de Krenak (2019) e Freire (1979, 2022), autores com trajetórias distintas, porém convergentes em uma visão crítica ao modelo hegemônico de progresso. A leitura que empreendemos é guiada por uma postura atenta e dialógica, na qual as ideias dos autores são mobilizadas a partir de aproximações conceituais e éticas, mas sem a pretensão de esgotar os sentidos. Mais do que classificar ou enquadrar os discursos em categorias pré-definidas, buscamos compreender os modos como as narrativas se entrelaçam, se tensionam e se abrem a novas possibilidades de existência. Desse modo, nossa metodologia não se prende a esquemas analíticos formais, mas se ancora na leitura sensível e no diálogo entre os textos.

A partir dessa escuta atenta, emergem pontos de encontro fundamentais entre os autores, especialmente no que tange à urgência de alternativas que rompam com a lógica exploratória e predatória, propondo caminhos alinhados à filosofia do Bem Viver – uma concepção que valoriza a harmonia entre seres humanos, natureza e coletividade, ao mesmo tempo em que questiona as bases do crescimento desenfreado. Essa reflexão conjunta contribui para ampliar a compreensão das possibilidades de transformação social e ambiental, enfatizando que o desenvolvimento deve transcender um mero objetivo econômico, configurando-se como um processo que vise ao *Buen Vivir*, ou, como usamos aqui no Brasil, o Bem Viver³.

O Bem Viver – novas e velhas histórias se entrelaçam

Ao iniciarmos estas reflexões, partimos do pensamento de que o universo se assemelha a “um narrador parecido com Sherazade, que conta uma história para logo se interromper e contar uma outra história” (Prigogine, 2003, p. 50). Conforme propõe Prigogine (2003) –

³ De acordo com Breda (2016), a tradução mais semelhante a *Buen Vivir* é “Bom Viver”, mas a expressão mais comumente usada no Brasil, especialmente por movimentos sociais, é “Bem Viver”, com iniciais maiúsculas – forma que optamos por usar quando nos referimos ao conceito do *Buen Vivir*. Na língua kichwa, na qual nasceu esse conceito, a grafia é *sumak kawsay*.

ganhador do Prêmio Nobel de Química, em 1977 –, compreendemos ser necessário ouvir as múltiplas histórias oferecidas pelo universo, entendendo não existir uma única certeza, mas sim um constante reconfigurar-se a partir do já dito e do já vivido. Como afirmava Freire (2023, p. 133), “[s]eria impossível saber-se inacabado e não se abrir ao mundo e aos outros à procura de explicação, de respostas a múltiplas perguntas”. Reconhecer nossa condição de inacabamento nos move a buscar novos saberes e a estabelecer outras formas de interação no mundo; isso nos motiva a questionar, ouvir e aprender com perspectivas outras.

Ao pensarmos em uma “vida que valha ser vivida”, velhas e novas histórias sobre desenvolvimento surgem, mostrando não haver um conceito único ou unânime entre pesquisadores. Seu entendimento sofreu/sofre transformações ao longo do tempo e se molda conforme as mudanças da sociedade, de seu contexto histórico, social e espacial. Torna-se, assim, um discurso aberto e permeável, como nas histórias contadas por Sherazade, em que finais inacabados dão origem a novos começos e a narrativas sempre renovadas. Para Krenak (2019, p. 27), uma das formas de adiarmos o fim do mundo reside justamente na possibilidade de “sempre poder contar mais uma história”. Nesse sentido, refletir sobre isso exige reconhecer sua natureza inacabada, múltipla e dialógica, tal qual as histórias que se entrelaçam e se reconfiguram a cada nova escuta ou narração.

Para pensarmos outras histórias ou, como afirma Acosta (2016), outros mundos possíveis, entre eles o Bem Viver, é necessário que nos dediquemos a “*imaginar* outros mundos” (Eco, 2000, p. 119, grifo próprio). Isso implica buscar caminhos que ofereçam uma visão diferenciada e mais integradora, rompendo com a tendência de ver e pensar de forma linear. Dessa forma, compreendemos, como Stavenhagen (2018, p. 12), que o desenvolvimento, com todas as suas implicações de valor, “significa mudança, evolução, crescimento, metamorfose”. Todavia, o que realmente devemos questionar são as direções e os sentidos atribuídos a ele, como ressalta Stavenhagen (2018, p. 12): “de onde para onde, e de quê para quê?; de pequeno a grande?; de atrasado a adiantado?; de simples a complexo?; de jovem a velho?; de estático a dinâmico?; de tradicional a moderno?; de pobre a rico?; de inferior a superior?”.

Refletir sobre essas perguntas nos convida a abrir espaço para múltiplas possibilidades de transformação, reconhecendo que cada história e cada contexto pode construir e/ou experienciar caminhos de mudança de forma singular, em diálogo com outras visões de mundo. Concordamos, a partir dessas observações, que o conceito de desenvolvimento é carregado de significados diversos, e que o importante é refletir (e agir) sobre essas diferenças, cogitando formas de transformação que realmente contribuam para uma sociedade mais justa e solidária.

Salientamos que nossa intenção não é negar ou invalidar o conceito tradicional e hegemônico, mas evidenciar que podem existir alternativas a esse modelo eurocêntrico, que historicamente tenta ocultar os saberes do Sul global desde a invasão e dominação da América, em 1492, pelos europeus. Como afirma Wallerstein (2007, p. 29): “[a] história do sistema-mundo moderno tem sido, em grande parte, a história da expansão dos povos e dos Estados europeus pelo resto do mundo”. Diante disso, torna-se fundamental refletirmos sobre a necessidade de transformar esse modelo de sistema Sistema-Mundo eurocêntrico, o que nos instiga a pensar o desenvolvimento a partir de outras perspectivas, mas que tenham, como meta central, a melhoria efetiva da qualidade de vida. Essa perspectiva é destacada pelo professor de Economia e Filosofia Amartya Sen (2000, p. 29):

O desenvolvimento tem de estar relacionado sobretudo com a melhora da vida que levamos e das liberdades que desfrutamos. Expandir as liberdades que temos razão para valorizar não só torna nossa vida mais rica e mais desimpedida, mas também permite que sejamos seres sociais mais completos, pondo em prática nossas volições, interagindo com o mundo em que vivemos e influenciando esse mundo.

Para Sen (2000), ele deve ser compreendido como a ampliação das liberdades que tornam a vida mais plena e digna, uma proposta que rompe com visões reducionistas que veem o desenvolvimento apenas em termos de crescimento econômico. Entendemos que, para isso, é necessário um ir e vir para um melhor devir, mais justo e inclusivo. Nessa perspectiva de um futuro mais humanizado, se insere o pensamento do Bem Viver, compreendido como “um projeto libertador e tolerante, sem preconceitos nem dogmas” (Acosta, 2016, p. 29), que acolhe e valoriza diferentes histórias de resistência e iniciativas de transformação social ao redor do mundo. A proposta do Bem Viver está ancorada em um devir diferente, mais humanizado, que se sustenta na solidariedade. Desse modo, refletir sobre essa ideia representa “uma oportunidade para construir outros tipos de sociedades, sustentadas sobre uma convivência harmoniosa entre os seres humanos consigo mesmos e com a Natureza, a partir do reconhecimento dos diversos valores culturais existentes no planeta” (Acosta, 2016, p. 25).

O Bem Viver nomeia uma forma de se estar aqui, no planeta Terra, tendo ligação com o modo de vermos este mundo, constituído “pela vida das pessoas e de todos os outros seres que compartilham o ar com a gente, que bebem água com a gente e que pisam nessa terra junto com a gente. Esses seres todos, essa constelação de seres, é que constituem uma cosmovisão” (Krenak, 2020b, p. 6). Historicamente, enquanto conceito, esse termo chegou ao Brasil mediado por uma outra língua (o espanhol ou castelhano) e por outras culturas e outros povos (andinos

e amazônicos) que compartilham uma mesma cosmovisão de mundo, entendendo esse planeta como a Mãe Terra, a *Pachamama* (Krenak, 2020b).

O Bem Viver, portanto, é um modo de existência que considera a melhoria da qualidade de vida como um objetivo central, uma melhoria que se constrói a partir de múltiplos fatores, como o ambiente, o trabalho, as relações familiares, a educação, entre outros. Nesse sentido, Acosta (2016, p. 38) destaca que essa forma de existir “pode projetar-se com força nos debates mundiais. Poderia ser inclusive um detonante para enfrentar propositivamente a crescente alienação de uma grande maioria dos seres humanos”. Essa proposta, portanto, cessa uma discussão dos povos andinos e amazônicos para se tornar uma discussão (e ação) global.

Nessa mesma direção, Freire e Krenak – autores foco de nosso estudo – contribuem com reflexões que se aproximam (ou assim o são) dos princípios do Bem Viver. Para Freire (2022), o desenvolvimento deve emergir do diálogo, da coletividade e da humanização, sendo a transformação social fruto do movimento ação-reflexão-ação, processo que implica transformar o mundo pela consciência crítica e pelo compromisso ético. Krenak (2019), por sua vez, questiona o modelo linear e predatório, que desconsidera os saberes ancestrais e o respeito à natureza. Em suas palavras, ele propõe uma reconexão com a Terra e a abertura para outras formas de existência que acolham a diversidade: “[h]á centenas de narrativas de povos que estão vivos, contam histórias, cantam, viajam, conversam e nos ensinam mais do que aprendemos nessa humanidade. Nós não somos as únicas pessoas interessantes no mundo, somos parte do todo” (Krenak, 2019, p. 30-31).

Essa diversidade de narrativas representa uma resistência fundamental contra a imposição de uma única visão de mundo, historicamente dominante e eurocêntrica, reafirmando a importância de valorizar saberes ancestrais e cosmologias plurais que ampliam nossa compreensão sobre o desenvolvimento e a convivência com a Terra. Tanto Freire quanto Krenak oferecem novos olhares, para além da lógica dominante; olhares que reconhecem e respeitam as diferenças, promovem a justiça social e reafirmam o cuidado com o planeta, trazendo novas histórias que se entrelaçam a outras já tecidas e a outras tantas que ainda podem ser tecidas.

Por um outro mundo possível: diálogos de Krenak e Freire

Ailton Krenak e Paulo Freire são nomes imprescindíveis em diversas discussões da atualidade. Por isso, este artigo utilizou alguns excertos de seus livros *Ideias para adiar o fim*

do mundo (Krenak, 2019) e *Educação e mudança* (Freire, 1979, na sua edição de 2022), para verificar as aproximações dialógicas entre eles a partir do tema “desenvolvimento”.

Ailton Krenak é um importante líder indígena da etnia Krenak⁴, nascido em 1953, em Minas Gerais (MG). Além disso, é um ambientalista, filósofo, poeta e escritor de destaque. Uma de suas contribuições mais marcantes ocorreu em 1987, quando discursou na Assembleia Nacional Constituinte defendendo a inclusão dos direitos indígenas na Constituição Federal – uma proposta fundamental para a construção de um Brasil que realmente ouve seus povos originários. Desde 1987, é coordenador da Aliança dos Povos da Floresta, também conhecida como Rede Povos da Floresta – movimento cujo objetivo é a proteção da floresta e das populações que nela vivem. Em 2024, tornou-se o primeiro representante indígena na Academia Brasileira de Letras, ao se tornar um imortal, ocupando a Cadeira 5.

Para exemplificar ainda mais sua importância, destacamos alguns dos prêmios com os quais já foi agraciado ao longo de sua vida: Prêmio Internacional de Direitos Humanos para a América Latina Letellier Moffite, da Fundação Letellier, em Washington, Estados Unidos (1987); Prêmio Onassis – Homem e Sociedade, da Fundação Aristóteles Onassis, em Atenas, Grécia (1989); Prêmio Nacional de Direitos Humanos, no Brasil (2005); Prêmio Juca Pato, de intelectual do ano (2000), nesse mesmo país; Prêmio Prince Claus, concedido pela Família Real Holandesa (2022).

Em relação aos seus escritos, destacamos: *Kuján e os meninos sabidos* (Krenak; Carelli, 2024); *Um rio um pássaro* (Krenak, 2023); *Futuro ancestral* (Krenak, 2022); *A vida não é útil* (Krenak, 2020a); *O amanhã não está à venda* (Krenak, 2020c); *Ideias para adiar o fim do mundo* (Krenak, 2019). Este último, utilizado como referência principal neste artigo, foi publicado pela editora Companhia das Letras em 2019 e, atualmente, há versões para o francês, inglês e alemão. O livro é a adaptação de duas palestras e uma entrevista realizadas por ele entre 2017 e 2019, durante uma viagem a Portugal. Com reconhecimento internacional, é uma das vozes mais respeitadas do movimento indígena. Seus saberes emergem de seu lugar indígena de fala, pois, para ele, “[u]m intelectual, na tradição indígena, [...] tem uma responsabilidade permanente que é estar no meio do seu povo, narrando a sua história, com seu grupo, suas famílias, os clãs, o sentido permanente dessa herança cultural” (Krenak, 1992, p. 201).

Crítico da violência colonial, Krenak discute a questão da concepção ocidental de humanidade e a busca obstinada pelo “ter”, a partir de alguns temas mais específicos como a

⁴ A etnia Krenak ocupa um território do Nordeste brasileiro até o leste de MG, onde passa o famoso e tão sofrido – pelas tantas explorações – Rio Doce. Além desses espaços, está presente na Amazônia, na fronteira do Brasil com o Peru e a Bolívia.

cultura e a existência, enquanto memória. Para ele, o desenvolvimento precisa criar envolvimento com o espaço e as formas de existência, o bem-estar e o equilíbrio com a natureza, e, para isso, devemos questionar:

Que desenvolvimento nós queremos? Ou nós queremos envolvimento com o lugar que nós vivemos? A gente foi colonizado pela ideia de desenvolvimento. Será que não está na hora da gente pensar em envolvimento com o mundo que nós compartilhamos? Se a gente buscar envolvimento, talvez volte a dar sentido para os povos originários, as suas formas de organização, seu jeito de pensar o bem-estar, seu jeito de pensar o que é necessário para a gente viver (Krenak, 2017, p. 23-24).

Se somos parte de um todo – um organismo vivo – e partilhamos nossa estadia no planeta, “[d]evíamos admitir a natureza como uma imensidão de formas, incluindo cada pedaço de nós, que somos parte de tudo: 70% de água e um monte de outros materiais que nos compõem” (Krenak, 2019, p. 69). Ao reconhecer a interdependência de tudo e todos que partilham desse tempo de morada, neste planeta, Krenak (2019) aponta para a importância de novos olhares sobre o modo como nos relacionamos com o meio ambiente, destacando a necessidade de entendermos que somos seres de pertencimento e cuidado. Por isso, para ele, o atual modelo de desenvolvimento em andamento não destrói apenas a natureza, mas também os seres que nela habitam – inclusive e, talvez, o ser humano.

Seu pensamento aponta as fragilidades dos sistemas hegemônicos contemporâneos, de uma “gente que fica agarrada na terra. Parece que eles querem comer terra, mamar na terra” (Krenak, 2019, p. 22). Ele propõe, então, que rompamos com paradigmas baseados na acumulação e concentração de poder. Nesse sentido, a rejeição ao domínio do mercado e à lógica do capital apontam para uma construção de alternativas que priorizem a coletividade, pois “[é] importante viver a experiência da nossa própria circulação pelo mundo, não como uma metáfora, mas como fricção, poder contar uns com os outros” (Krenak, 2019, p. 27).

Nos textos de *Ideias para adiar o fim do mundo*, Krenak (2019) reflete sobre a capacidade da humanidade em se autodestruir, a partir do uso e da exploração não consciente da natureza, além de convidar seus ouvintes – agora leitores – a pensar soluções para que essa autodestruição não ocorra. Para isso, ele apresenta o modo de vida dos povos originários como uma saída para barrar o extermínio do nosso planeta, afirmando que precisamos compreender que a natureza é de todos; por isso, não podemos continuar com esse modo predatório em relação a ela.

Ao longo de suas falas, o autor questiona como construímos essa ideia atual de humanidade, à qual ele mesmo responde ao mencionar ser oriunda das escolhas erradas feitas no caminhar, complementadas com base no entendimento de haver uma humanidade mais “esclarecida” (os brancos europeus) que “precisava ir ao encontro da humanidade obscurecida, trazendo-a para essa luz incrível” (Krenak, 2019, p. 11), em uma clara ironia. Ele também afirma que a natureza é de todos, da coletividade, e que não podemos continuar com esse modo predatório que temos em relação a ela, pois as consequências virão. Logo, é preciso abriremos “nossa mente para alguma cooperação entre os povos, não para salvar os outros, para salvar a nós mesmos” (Krenak, 2019, p. 44).

Na esteira do pensamento proposto por Krenak (2019), inserimos no diálogo o educador e filósofo brasileiro Paulo Freire. Nascido em 1921, em Recife, Pernambuco (PE), foi declarado “Patrono da Educação Brasileira” em 2012, sendo amplamente reconhecido como uma das vozes mais influentes da educação crítica, no Brasil e no mundo. Sua obra é estudada em universidades de diversos países e, decorrente disso, o estudioso é homenageado internacionalmente, como exemplificam a escultura erguida na Suécia em sua memória e o Centro de Estudos que leva seu nome na Finlândia (Centro Paulo Freire Finlândia).

Autor de *Pedagogia do oprimido* (Freire, 2021) – livro publicado originalmente em 1968 e um dos mais citados na área de humanidades (Veiga, 2023) –, Freire é também o brasileiro com o maior número de títulos de Doutor Honoris Causa: são 35 homenagens de universidades brasileiras e de outros países. Entre os diversos prêmios recebidos ao longo de sua trajetória, destaca-se o “Educação para a Paz”, concedido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), em 1986.

Sobre sua relevância, o educador e teólogo Rubem Alves (*apud* Bittencourt, 2014, p. 257) afirmou, em parecer para a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp): “O seu nome, por si só, sem pareceres domésticos que o avalizem, transita pelas universidades da América do Norte e da Europa. E quem quisesse acrescentar a este nome a sua própria ‘carta de apresentação’ só faria papel ridículo”. Na esteira desse entendimento e na densidade de suas obras, não nos alongaremos em detalhar todas as suas publicações. Contudo, a título de curiosidade, dentre os mais de 20 livros publicados como único autor, e outros tantos em coautoria, citamos seu primeiro livro, *Educação como prática da liberdade* (Freire, 1967), e seu último em vida, *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* (Freire, 1996).

Em toda a sua obra, uma das questões destacadas é a humanização, que, segundo ele, somente se efetiva na relação histórica e cultural entre os seres humanos, na práxis –

historicidade humana – que é permanente e está sempre em construção. Dessa forma, para Freire (2021, p. 167), “se os homens são seres do quefazer, é exatamente porque seu fazer é ação e reflexão”. A práxis humana é um compromisso histórico que permite ao ser enfrentar realidades marcadas pela desigualdade social e conduz mulheres e homens à afirmação de um compromisso de luta, sendo a sua vocação ontológica, para intervir no mundo, para ser cada vez mais humanizado. Nesse sentido, devemos estar em pleno compromisso de humanizar o mundo para então também nos humanizarmos.

Este compromisso com a humanização do homem, que implica uma responsabilidade histórica, não pode realizar-se através do palavreiro, nem de nenhuma outra forma de fuga do mundo, da realidade concreta, onde se encontram os homens concretos. O compromisso, próprio da existência humana, só existe no engajamento com a realidade, de cujas “águas” os homens verdadeiramente comprometidos ficam “molhados”, ensopados. Somente assim o compromisso é verdadeiro. Ao experienciá-lo, num ato que necessariamente é corajoso, decidido e consciente, os homens [e mulheres] já não se dizem neutros (Freire, 2022, p. 22).

Não sendo neutros, é certo que haverá o engajamento na luta para mudanças significativas que contribuam para a humanização do ser humano. Compreendemos que tais mudanças não se constroem isoladamente, mas nas tramas da coletividade e na partilha de sentidos. Seu livro *Educação e mudança* (Freire, 2022), escrito quando estava no exílio, em 1979, destaca a importância da conscientização e da mudança da sociedade para podermos superar o atual modelo de desenvolvimento. Ao longo dos quatro capítulos seguintes, *O compromisso do profissional com a sociedade*, *A educação e o processo de mudança social*, *O papel do trabalhador social no processo de mudança*, e *Alfabetização de adultos e conscientização*, ele reflete sobre o compromisso das mulheres e dos homens em relação à sociedade, pois, segundo o autor, é somente a partir da reflexão-ação que temos condições de atuar, operar e refletir, para então transformar e comprometermo-nos com a sociedade e o mundo.

É preciso que seja capaz de, estando no mundo, saber-se nele. Saber que, se a forma pela qual está no mundo condiciona a sua consciência deste estar, é capaz, sem dúvida, de ter consciência desta consciência condicionada. Quer dizer, é capaz de intencional sua consciência para a própria forma de estar sendo, que condiciona sua consciência de estar (Freire, 2022, p. 19).

De modo geral, não há a possibilidade de reflexão e ação sem o engajamento na realidade; esse compromisso deve estar voltado à solidariedade ativa, pois temos uma dívida

para com a sociedade (Freire, 2022). Apresentando-nos como seres inacabados, mas em constante busca pela perfeição, Freire afirma que essa busca está intimamente ligada ao saber, que sempre pode ser um ato de evolução das mulheres e homens comprometidos. Ademais, destaca-se a necessidade de ser coletiva.

O desenvolvimento não pode ser um processo solitário, caso contrário estaríamos sempre na busca do “ter mais”, e não do “ser mais”, nos conduzindo à conseqüente redução do ser humano a um objeto, desprovido de agência e sentido coletivo. Quando a busca de mudança ocorre sem um outro, arriscamos transformar consciências em “coisas”, nos desumanizando. Segundo Freire (2022), para entendermos e praticarmos essa mudança, é necessário evitarmos uma mera adaptação e acomodação a esse mundo. Devemos, em vez disso, agir criticamente sobre a realidade, reconhecendo-nos seres sujeitos de sua própria transformação.

Nesse horizonte coletivo, nasce a esperança de um outro mundo possível, no qual identificamos aproximações dialógicas entre os dois pensadores trazidos neste artigo, Krenak e Freire. Suas vozes, cada uma a seu modo, nos livros aqui analisados, *Ideias para adiar o fim do mundo* e *Educação e mudança*, convocam a um olhar outro sobre as formas de existir, conviver e desenvolver, abrindo caminhos para uma vida mais comprometida com o Bem Viver. Tanto Freire quanto Krenak apontam para a importância do coletivo no ato de se estar no mundo, ao ser na força dessa coletividade que se pode mudar a nossa história e não apenas a história do outro, pois somos seres de relações e essas se dão no estarmos juntos.

Enquanto Freire (2022, p. 37) afirma que “[o] homem está no mundo e com o mundo”, Krenak (2019, p. 44) nos alerta para a importância de abriremos “nossa mente para alguma cooperação entre os povos, não para salvar os outros, mas para salvar a nós mesmos”. Ambos ressaltam que a transformação do mundo não ocorre isoladamente, mas na coletividade. Estar no mundo é estar com o outro, e a cooperação entre os povos é essencial para nossa própria existência. Assim, a força do coletivo se torna um caminho para a mudança e a preservação da vida.

Indubitavelmente, essa força pode mudar a história, e não apenas a história do outro. Somos seres de relações, conforme aponta Freire (2022); não que não seja importante o reconhecimento das especificidades e das diferenças culturais, mas, a partir delas, devemos coletivamente congregiar forças em busca de um novo modelo de desenvolvimento, que somente se concretizará a partir de um olhar mais amplo, que considere o estarmos juntos. Como observa Krenak (2019, p. 23-24), “[n]ós ficamos tão perturbados com o desarranjo regional que vivemos, ficamos tão fora do sério com a falta de perspectiva política, que não

conseguimos nos erguer e respirar, ver o que importa mesmo para as pessoas, os coletivos e as comunidades”.

Na aproximação dos pensamentos de Krenak e Freire emergem afinidades que atravessam suas trajetórias e seus chamados à transformação. Uma delas está na ênfase que ambos conferem ao “ser” em oposição ao “ter” – crítica profunda ao modelo civilizatório que privilegia a acumulação em detrimento da vida. Para eles, é preciso despertar para os limites do planeta e para a urgência de reencantar as relações com os outros e com a Terra: “todos precisam despertar [...] estamos todos diante da iminência de a Terra não suportar a nossa demanda” (Krenak, 2019, p. 45). Esse despertar, em Freire, exige o compromisso de caminhar com outros seres que também procuram ser mais, em comunhão, pois “caso contrário, se faria de umas consciências, objetos de outras. Seria ‘coisificar’ as consciências” (Freire, 2022, p. 34).

Essa defesa da vida, do ser e da coletividade nos conduz ao horizonte do Bem Viver, perspectiva que, como vimos, inspira ambos os autores, mesmo que com terminologias e origens distintas. Krenak (2019, p. 14) questiona: “Como justificar que somos uma humanidade se mais de 70% estão totalmente alienados do mínimo exercício do ser?”. Freire (2022), por sua vez, enfatiza a importância da reflexão crítica como condição para a humanização. Para ele, é fundamental que mulheres e homens se reconheçam e se compreendam como sujeitos históricos. Sem esse movimento de consciência sobre si e sobre sua presença no mundo, tudo se reduziria “a um não poder transpor os limites que lhe são impostos pelo próprio mundo, do que resulta que este ser não é capaz de compromisso” (Freire, 2022, p. 19).

É preciso compreender que a Terra não conseguirá atender às nossas demandas do “ter” e, embora isso possa ser adiado temporariamente, logo veremos que esse modelo de desenvolvimento não mais se sustentará, como nos adverte Krenak (2019). Diante disso, torna-se necessário, como nos convoca Freire (2022), assumir um compromisso ético com a vida, com o mundo e com os outros para que ressignifiquemos nosso papel nesse tempo histórico. Ambos os autores, com suas vozes singulares e enraizadas em experiências distintas, nos conclamam a reencantar o ser e a cultivar modos de existência fundados na dignidade, na coletividade e no Bem Viver, como horizonte necessário para a continuidade da vida.

Considerações finais

Procuramos, ao longo da reflexão apresentada neste escrito, evidenciar aproximações dialógicas entre Paulo Freire e Ailton Krenak, a partir da perspectiva do Bem Viver. Além disso, buscamos valorizar formas outras de pensar e viver, que reconheçam a coletividade, a

diversidade e a vida em sua plenitude. Nossa proposta surgiu da inquietação com os modelos hegemônicos de desenvolvimento marcados pela lógica do “ter” e pela exploração da natureza.

Em geral, Freire e Krenak nos incitam a abandonar uma visão de mundo que reduz o ser humano a um simples consumidor. Ambos propõem caminhos de reconexão com a Terra, com os outros, com a própria humanidade. Essa mudança exige um novo modo de olhar para o desenvolvimento: não como acúmulo, mas como transformação ética, social, afetiva e política.

Essa ideia de um novo modo de vida, a partir de outras perspectivas, pode parecer utópica, mas talvez o essencial seja abraçar a humanização. Como propõe Freire (2022), isso somente será possível se reconhecermos nossa condição de seres inacabados, sempre em busca de aprendizado e transformação. Nessa jornada, é fundamental olharmos para nós mesmos, como também – e com igual intensidade – para o outro, construindo juntos novas histórias e outros mundos possíveis. Nessa travessia, o Bem Viver se revela não como proposta fechada, mas como um horizonte possível, construído por histórias que se entrelaçam e por vozes que resistem.

Em linhas gerais, reconhecemos que muitas outras aproximações poderiam ser exploradas. No entanto, acreditamos ter alcançado nosso principal objetivo, ao destacarmos, com base nos livros analisados, que a construção de outros mundos possíveis depende do reconhecimento da coletividade e da valorização do ser. Como alertado por Freire (2022, p. 19-20), “[s]omente um ser que é capaz de sair de seu contexto [...] um ser que é e está sendo no tempo que é o seu, um ser histórico, somente este é capaz, por tudo isso, de comprometer-se”.

A humanização permite-se quando os sujeitos se reconhecem como históricos, críticos, capazes de transformar as realidades que os cercam. Nesse gesto de consciência, abre-se a possibilidade de tecermos, coletivamente, outras histórias. À maneira de Sherazade, que contava para viver, apostamos na força das narrativas que adiam o fim e reencantam o mundo. Logo, desejamos que novas histórias e reflexões continuem a emergir, guiadas pelo horizonte ético do Bem Viver e por convite coletivo a desacelerar, cuidar e partilhar, que nos permitam vislumbrar e habitar mundos outros possíveis.

Referências

ACOSTA, A. **O Bem Viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Tradução de Tadeu Brenda. São Paulo: Autonomia Literária; Elefante, 2016.

BITTENCOURT, A. B. Um documento histórico: parecer ao Conselho Diretor da Unicamp sobre Paulo Freire. **Pro-Posições**, Campinas, v. 25, n. 3, p. 251-257, set./dez. 2014. DOI

10.1590/0103-7307201407513. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/pp/a/Mx4rxJXXw4ScPX358SG3zYj/?lang=pt>. Acesso em: 20 jan. 2025.

BREDA, T. Do tradutor. *In*: ACOSTA, A. (org.). **O Bem Viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Tradução de Tadeu Brenda. São Paulo: Autonomia Literária; Elefante, 2016. p. 10-11.

ECO, U. **Baudolino**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2000.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1967.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1979.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. Tradução de Lilian Lopes Martin. 48. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2022.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 77. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 78. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2021.

FURTADO, C. O verdadeiro desenvolvimento. *In*: D'AGUIAR, R. F. (org.). **Essencial Celso Furtado**. São Paulo: Penguin Classics; Companhia das Letras, 2013. p. 107-111.

KRENAK, A. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020a.

KRENAK, A. Antes, o mundo não existia. *In*: NOVAES, A. (org.). **Tempo e história**. São Paulo: Companhia das Letras; Secretaria Municipal da Cultura, 1992. p. 201-204.

KRENAK, A. **Caminhos para a cultura do bem viver**. [S. l.; s. n.], 2020b.

KRENAK, A. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, A. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020c.

KRENAK, A. Outras narrativas: entrevista por Idjahure Kadiwel, Ana Paula Simonaci e Sergio Cohn. *In*: WERÁ, K.; KADIWEL, I.; COHN, S. (org.). **Ailton Krenak**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue Editorial, 2017. p. 13-33.

KRENAK, A. **Um rio um pássaro**. Rio de Janeiro: Dantes, 2023.

KRENAK, A.; CARELLI, R. **Kuján e os meninos sabidos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

PRIGOGINE, I. O fim da certeza. *In*: MENDES, C. (org.). **Representação e complexidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 2003. p. 47-68.

SACHS, W. Apresentação – o Dicionário do desenvolvimento revisitado. *In*: KOTHARI, A. *et al.* (org.). **Pluriverso**: dicionário do pós-desenvolvimento. Tradução de Isabella Victoria Eleonora. São Paulo: Elefante, 2021. p. 17-26.

SEN, A. **Desenvolvimento como liberdade**. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

STAVENHAGEN, R. Etnodesenvolvimento: uma dimensão ignorada no pensamento desenvolvimentista. **Anuário Antropológico**, Brasília, DF, v. 9, n. 1, p. 11-44, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6327>. Acesso em: 15 maio 2025.

VEIGA, E. Quem foi Paulo Freire: como o legado do educador brasileiro é visto no exterior. **BBC News Brasil**, Bled, 15 mar. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46830942>. Acesso em: 20 jun. 2025.

WALLERSTEIN, I. M. **O universalismo europeu**: a retórica do poder. Tradução de Maria Beatriz de Medina. São Paulo: Boitempo, 2007.

Submetido em 4 de agosto de 2025.
Aprovado em 9 de fevereiro de 2026.